



UM JOVEM OBSESSOR – e a força arrebatadora do amor na redenção espiritual

Copyright © 2015 by Adriana Machado
1ª Edição | Maio de 2019 | do 1º ao 10º milheiro

Dados Internacionais de Catalogação Pública

JEFFERSON (Espírito)

Um Jovem Obsessor – e a força arrebatadora do amor na redenção espiritual
pelo espírito Jefferson, psicografado por Adriana Machado

DUFAUX : Belo Horizonte / MG : 2019

528 p. : 16x23 cm

ISBN: 978-85-72190-01-2

1. Espiritismo

I. MACHADO, Adriana

2. Psicografia

II. Título

CDU 133.9

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Presita en Brazilo

EDITORA DUFAUX

Rua Henrique Burnier, 60

Bairro Grajaú | Belo Horizonte | MG | Brasil

CEP: 30.431-202

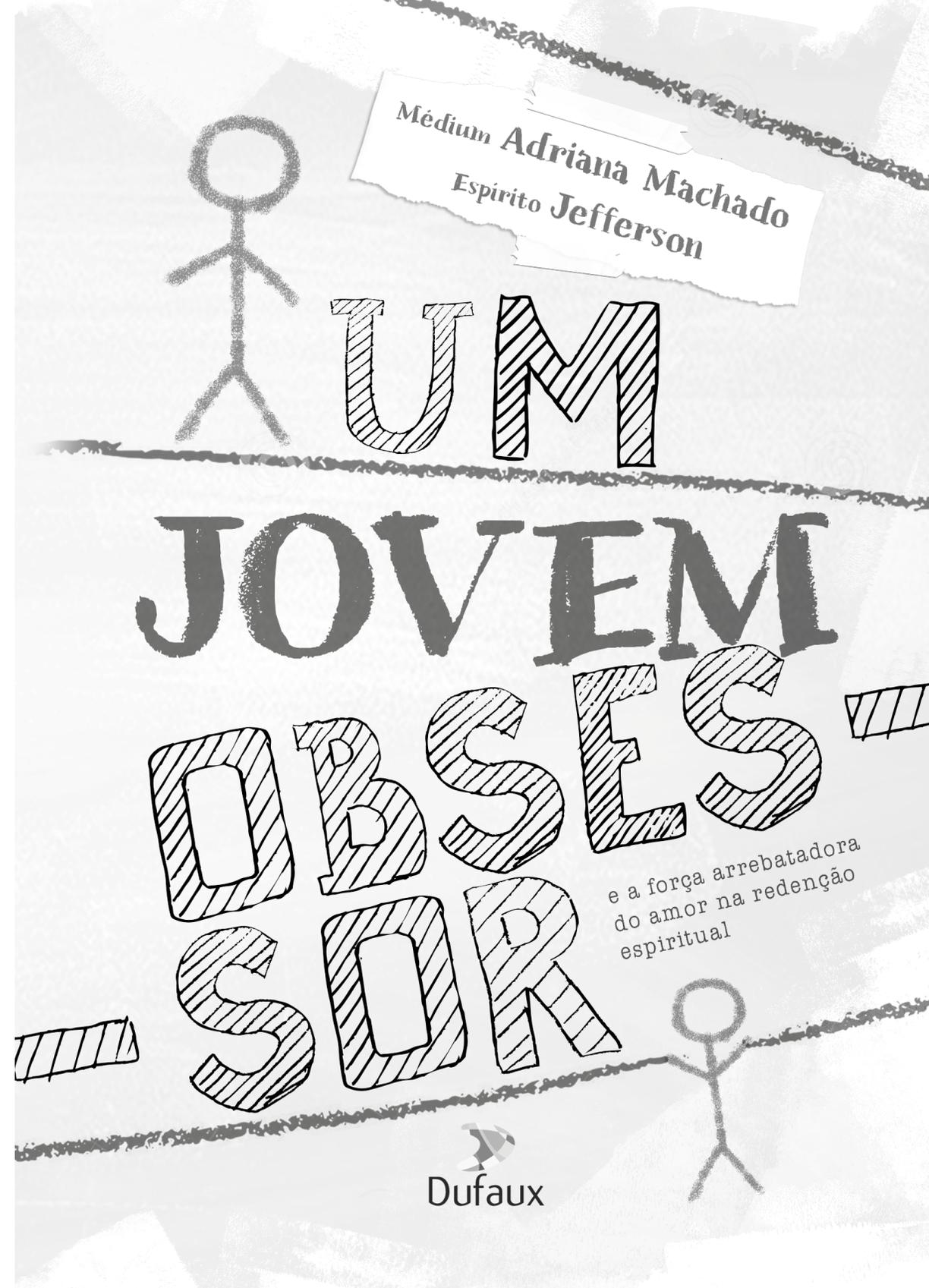
(31) 3347-1531

comercial@editoradufaux.com.br

www.editoradufaux.com.br

Conforme novo acordo ortográfico da língua portuguesa ratificado em 2008.

Todos os direitos reservados à Editora Dufaux. É proibida a sua reprodução parcial ou total através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, internet, cd-rom, dvd, dentre outros, sem prévia e expressa autorização da editora, nos termos da Lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.





Sumário

Apresentação	Capítulo 30	Capítulo 60
Capítulo 1	Capítulo 31	Capítulo 61
Capítulo 2	Capítulo 32	Capítulo 62
Capítulo 3	Capítulo 33	Capítulo 63
Capítulo 4	Capítulo 34	Capítulo 64
Capítulo 5	Capítulo 35	Capítulo 65
Capítulo 6	Capítulo 36	Capítulo 66
Capítulo 7	Capítulo 37	Capítulo 67
Capítulo 8	Capítulo 38	Capítulo 68
Capítulo 9	Capítulo 39	Capítulo 69
Capítulo 10	Capítulo 40	Capítulo 70
Capítulo 11	Capítulo 41	Capítulo 71
Capítulo 12	Capítulo 42	Capítulo 72
Capítulo 13	Capítulo 43	Capítulo 73
Capítulo 14	Capítulo 44	Capítulo 74
Capítulo 15	Capítulo 45	Capítulo 75
Capítulo 16	Capítulo 46	Capítulo 76
Capítulo 17	Capítulo 47	Capítulo 77
Capítulo 18	Capítulo 48	Capítulo 78
Capítulo 19	Capítulo 49	Capítulo 79
Capítulo 20	Capítulo 50	Capítulo 80
Capítulo 21	Capítulo 51	Capítulo 81
Capítulo 22	Capítulo 52	Capítulo 82
Capítulo 23	Capítulo 53	Capítulo 83
Capítulo 24	Capítulo 54	Capítulo 84
Capítulo 25	Capítulo 55	Capítulo 85
Capítulo 26	Capítulo 56	Epílogo 1
Capítulo 27	Capítulo 57	Epílogo 2
Capítulo 28	Capítulo 58	
Capítulo 29	Capítulo 59	



Apresentação

Estava eu em casa e, do nada, ouvi a seguinte frase: “Oi, meu nome é Jefferson e eu sou um obsessor.”

Claro que eu, de início, estranhei aquela mensagem, principalmente porque não a escutei uma, mas algumas tantas vezes. Porém, fiquei mais tranquila porque senti a presença de Ezequiel ao meu lado. Acreditei que seria o “seu” novo livro e, quando pude, o convidei para iniciarmos a nova tarefa. Fiquei bastante apreensiva ao perceber que Ezequiel não estava sozinho e que o próprio protagonista, aquele que tinha afirmado, ao pé do meu ouvido, que era um obsessor, iria psicografar comigo!

Meu primeiro receio foi não saber como trabalhar com outro autor espiritual, mas, para o meu alívio, Ezequiel estava lá, comigo, me dando todo o apoio para compreender a história narrada.

Admito, também, que desde o início tive uma certa dificuldade de colocar no papel a história de Jefferson, porque como primeira reação, infelizmente, veio o preconceito de acreditar que um obsessor nada poderia saber sobre as verdades divinas. O que ele poderia ensinar de valioso para nós? Ledo engano de minha parte.

Quanto mais eu me envolvia na história, mais Jefferson tomava conta da narrativa, fazendo questão de me mostrar a sua experiência e o seu saber, e, através de nossa ligação mediúnica, o que ele sentiu naquele momento narrado de sua vida: as suas frustrações, raivas, emoções e sentimentos que, concomitantemente, alimentavam as suas esperanças de conseguir superar a sua “maldade”, as suas dores, o seu orgulho exacerbado.

Sendo Jefferson o próprio narrador, ele conseguiu nos apresentar, cristalinamente, a visão de um obsessor frente aos seus obsidiados, os seus dilemas, a sua falta de consciência quando tinha de atingir os seus objetivos, mas também nos mostrou o quanto ele não deixou de ser humano, com os seus medos, com a sua vontade de ser amado e amar, apesar de, há séculos, estar trilhando caminhos obscurecidos pela sua ignorância moral.

Por tudo o que eu aprendi,

* Quero agradecer a Deus, que, em razão de sua Soberana Magnitude, nos dá a oportunidade de viver sem nunca perder sequer um momento de aprendizados valiosos, mesmo que não nos apercebamos deles imediatamente. Também, em razão de tantas informações vindas do outro lado da vida, termos consciência de que nunca estamos sós para enfrentar as experiências que nos chegam.

* Quero agradecer ao Jefferson, por acreditar em mim para ser sua parceira na concretização desta obra magnífica e ter tido paciência comigo para que eu superasse as minhas próprias dificuldades.

* Quero agradecer ao meu amigo Ezequiel, que nos auxiliou desde o início para que mais uma obra consoladora possa chegar a quem dela necessite.

* Quero agradecer à minha família, que me alimenta de amor e generosidade para que eu possa continuar nesta tarefa.

Desde o início, muitos foram os aprendizados que essa história verídica de Jefferson me trouxe, e acredito que cada um de vocês que nela se aventurar também os terá.



Capítulo...

1

— Oi! Meu nome é Jefferson e eu sou um obsessivo!

Foi assim que me apresentei para as pessoas na reunião mediúnica daquela casa espírita. O impacto da minha chegada não atingiu a todos, mas aos meus alvos, sim, para a minha satisfação. Percebi o susto e o medo se apossarem deles. Parecia até que eu tinha falado que os devoraria vivos no jantar.

O coordenador dos trabalhos se aproximou do médium, por meio do qual eu me comunicava, e disse:

— Seja bem-vindo, meu irmão! Por que você veio até nós?

Ao contrário dos demais, ele não me temia e me tratava com respeito, talvez pela minha condição de líder do meu grupo.

Para entenderem melhor o que estou descrevendo, voltarei um pouco no tempo para contar sobre minha vida e como cheguei àquela casa espírita. Neste meu relato, colocarei situações que não eram de meu conhecimento na época, mas que darão a vocês um melhor entendimento de toda a história vivenciada por mim.

Eu já havia morrido e trabalhava numa organização no além. Num dia normal de trabalho, fui convocado pelo meu chefe imediato para executar uma tarefa. Algo o estava preocupando e precisávamos neutralizar as ações de um carinha que se tornara alvo de nossa organização.

Nem sempre eu tomava conhecimento imediato do tipo de serviço que era contratado. Eu era apenas um pau mandado e pouco me era explicado. Quando a tarefa chegava, eu simplesmente a executava e, naquele caso, não seria diferente.

O chefe me disse apenas:

— Jefferson, foi determinado que a gente neutralize as ações de um sujeito que está nos dando dor de cabeça. Alguém influente o quer deste lado da vida, completamente derrotado. Então, esta será a sua missão.

— E o que foi feito contra ele até agora, chefe?

— Já enviamos um grupo de influenciadores para que ele se enfraqueça, mas não tivemos sucesso. O pior é que, enquanto os nossos estavam na tarefa, ele ainda conseguiu socorrer dois jovens viciados que, cada um ao seu tempo, teriam partido do plano físico para as nossas garras – esbravejou, com raiva.

— Mas ele é forte? Não possui fraquezas ou vícios ocultos?

— Claro que possui. Ele é um garoto normal, mas, pelo que sabemos, ele não deve estar sozinho. Parece que ele recebe proteção dos *da luz*, esses malditos, sempre nos atrapalhando. Enfim, nosso líder superior exigiu que eu mandasse exatamente você para descobrir o ponto fraco do garoto, neutralizá-lo e nos trazer a sua cabeça.

— Ah, chefe, isso será moleza. Aposto com você que ele cai nas minhas armadilhas em pouco tempo – eu disse, querendo mostrar competência.

— Bem, pelo que nos informaram e eu pude verificar pessoalmente, não vai ser fácil. Mas sei que você pode dar conta do recado, até porque se não der, você já sabe, não é?

Dei um sorrisinho sem graça, desconfortável, pois sabia exatamente sobre o que ele estava falando. Quando comecei a atuar naquela organização, falhei em algumas tarefas e fui submetido a punições pelas quais não desejei passar novamente, de jeito algum.

— Tudo bem, chefe, você sabe que pode contar comigo. Mas, como os que foram enviados antes de mim falharam, quero escolher os obsessores que trabalharão comigo nesta tarefa.

O chefe coçou a cabeça – parecia incomodado com algo –, mas disse:

— Vou deixar você escolher desta vez. Você sabe que não gostamos de dar tanta independência assim para o segundo escalão, mas sei que o caso exige isso e, sendo assim, vou abrir uma exceção.

Confirmei quais homens eu queria naquela tarefa, me despedi do chefe e fui para o meu alojamento. Em pouco tempo, lá estavam o Beto, o Firmino e o Boca à minha disposição. Eu gostava muito de comandar esses homens, pois eram obedientes e, principalmente, muito bons no que faziam.

Não era muito comum os chefes deixarem integrantes dos níveis mais baixos acostumarem-se uns com os outros. A experiência deles os levava a acreditar que, em relacionamentos muito próximos, criam-se laços de amizade e possíveis subgrupos, que poderiam se unir contra as suas lideranças e o seu poderio.

Naqueles poucos anos desencarnado, por várias vezes me uni a cada um daqueles que havia escolhido como parceiro de trabalho para prejudicar a vida alheia, e tivemos sucesso em nossas missões. Acredito que, por isso, os chefes se arriscaram, deixando-nos trabalhar juntos novamente.

Beto e eu já éramos parceiros, quase irmãos. Estávamos inclusive acostumados a trabalhar juntos desde a nossa última vida no plano material. Lembrou-me que éramos os bonitões do pedaço, e eu era, modestamente, bem mais bonito que ele: cabelos pretos, olhos verdes e um sorriso cativante, segundo as *minas*. Beto também era um rapaz bonito, só que magro, alto e de olhos medrosos. No caso dele, no entanto, aplicava-se o provérbio que dizia “quem

vê cara, não vê coração”, porque ele era, e ainda é, audacioso quando bem comandado e o melhor braço direito que poderia existir.

Nossa beleza, no entanto, já não era mais como antes. Parece que ela havia sido tragada para o lodo do ambiente onde vivíamos, assim como todos os nossos sentimentos mais dignos.

Desencarnamos com, mais ou menos, dezenove anos, numa troca de tiros com a polícia, por causa do nosso envolvimento com o tráfico de drogas. Começamos, eu primeiro, como mula, mas quando desencarnei já era o dono da boca, comandava uma boa parte da área leste da cidade e muitos moradores da comunidade me conheciam e me temiam.

Logo depois que morri, descobri que alguns dos meus homens tinham me entregado para *os canas* e que, com a minha morte, fui rapidamente substituído por um daqueles traidores. Beto, lógico, como era o meu braço direito e fiel a mim, também foi eliminado.

Quando percebi o que havia acontecido, fiquei tomado pelo ódio e, apesar das companhias espirituais que os traidores já possuíam, eles não se opuseram à minha perseguição e vingança quando me reconheceram. Inclusive, com a ajuda desses mesmos espíritos malfeitores, consegui fazer com que aqueles que me traíram tivessem um fim perturbador. Nesse período, eu me esqueci completamente de Beto, porque eu só pensava em vingança.

Porém, quando tudo acabou, a minha satisfação durou pouco. Eu não sabia, mas, antes mesmo de eles me ajudarem, eu já estava com o meu destino comprometido ao escolher, na carne, o caminho do crime. E não só eu, mas todos aqueles antigos comparsas que persegui. A cada desencarne, um grupo forte das trevas os capturava e os levava, afirmando que já tinha lhes dado muito e que agora era hora da retribuição. Comigo não foi diferente. Quando tudo terminou, eles me disseram que era hora de eu pagar a ajuda recebida¹, e tive de me juntar à organização deles.

Assim, fui obrigado a participar de um treinamento exaustivo nas artes de influenciar, subjugar e manipular mental e energeticamente outros espíritos, tanto nas regiões abissais do plano espiritual quanto do plano físico. Quando nossos chefes entenderam que eu estava pronto, comecei a trabalhar, sem descanso, nos grupos de desequilíbrio e desarmonização, influenciando negativamente a todos. Foi aí que reencontrei Beto.

¹ Há diversos indícios e relatos de que sempre que um espírito encarnado ou desencarnado recebe ajuda de algum grupo vingador do plano espiritual, após o processo, tendo sucesso ou não, ele fica devendo esse favor a essas organizações, que se dão ao direito de submetê-lo a uma vinculação forçada aos interesses das trevas. (N.E.)

Nosso trabalho era satisfazer os interesses de nossa organização. Com isso, atendíamos aos pedidos que eram feitos a ela por encarnados ou desencarnados que desejavam obter favores escusos, e que, por ignorarem as consequências de suas ações, se veriam vinculados a nós no futuro.

Por causa desses pedidos atendidos por nós, vi inúmeras famílias se desestruturarem porque alguém achou que merecia o marido ou a esposa do outro; vi empresas fechando porque alguém achou que merecia a sua clientela; vi jovens se perdendo porque alguém sentia inveja suficiente para não aceitar a felicidade deles... Esses alguéms, possivelmente, seriam nossos companheiros de trabalho num futuro muito próximo.

Como um bom influenciador, aprendi que, quando um encarnado vivencia as suas crenças com fé, ele dificulta muito o nosso trabalho, mas, nesses casos narrados aqui, as pessoas que eram nossos alvos já tinham, há muito tempo, desistido de Deus. Algumas diziam-se portadoras de uma fé religiosa, mas não vivenciavam as suas próprias crenças; outras viviam as suas vidas guiadas somente pelos interesses da matéria, em uma rotina alienante fortemente abraçada por eles; e outras mais, até ironizavam os que tinham um ideal ético e moral em suas vidas.

Nada diferente do que eu era em minha última existência!

Felizmente, para nós, muitos encarnados são muito suscetíveis aos nossos conselhos e, quando eles chegam no plano imaterial e se deparam conosco, são quase sempre ridicularizados por nós, em razão de suas visões equivocadas de poder. Eles se acreditam fortes e não são nada além de cascas vazias, desejando somente o que não poderiam levar após a morte.

Com pouco tempo de trabalho, fui ganhando espaço e confiança dos chefes e, pelo meu perfil, comecei a comandar pequenos grupos de influência. Acho que, por isso, fui convocado para este trabalho.

Mas a verdade é que, se logo após o meu desencarne eu me satisfazia com cada trabalho a mim determinado; se achava que todos mereciam as dores sofridas e o destino que tinham; e a minha maldade exalava de mim por cada poro do meu ser, já há algum tempo me sinto estranho e nada disso tem me dado prazer. Tento fazer o meu trabalho e alimentar o ódio e o desprezo que antes sentia com intensidade por cada uma de nossas vítimas, para não falhar em minhas missões, e neste trabalho não será diferente.

Após dar as primeiras orientações ao meu grupo, Beto, eu e os demais fomos à casa daquele que seria o nosso alvo principal, um tal de Rodrigo.

Já chegamos sabendo que ele morava com os pais e dois irmãos. Rodrigo era o filho do meio de uma família comum, sem nada de especial e com as mesmas questões de qualquer família brasileira, inclusive o seu irmão mais velho, outro alvo nosso, já estava seguindo pelo mundo das drogas.

Ficamos aguardando do lado de fora, até que um dos nossos aparecesse para nos dar mais informações. Segundo fiquei sabendo, todos os demais comparsas que estavam atuando contra aquela família tinham sido dispensados após a nossa convocação, com exceção de Cadu, um ex-viciado, agora desencarnado, que atuava na organização. Ele, porém, não estava ali, algo que, inclusive, estranhei.

Não precisamos aguardar muito até que Cadu chegasse, vindo logo atrás de Marcos, o irmão mais velho de Rodrigo. Fixei a minha atenção no rapaz encarnado e senti um leve incômodo, talvez um reconhecimento de minha parte, mas não dei muita importância a isso. Também percebi que os efeitos das drogas que ele havia consumido já estavam passando.

Desde a minha última encarnação, sempre me questioneei como alguns pais podiam não notar o estado de decadência pelo qual passavam seus filhos viciados. Imaginava que, para demorarem tanto a perceber, eles precisavam ser muito ingênuos ou não conhecer seus próprios filhos.

Somente quando entrei para aquele trabalho de influência, entendi que a demora dessa percepção se dava em razão de várias questões. As mais frequentes são: o orgulho exagerado dos pais em admitir que pode haver algum problema com o filho; o medo da decepção, do sofrimento e das possíveis mudanças em função do trabalho para lidarem com o problema, tirando-os de uma zona de conforto; a nossa presença e influência sobre a família e seus dependentes, distorcendo a realidade e justificando o injustificável; e, por incrível que pareça, a ingenuidade desses mesmos pais, que não acreditam que seus filhos os enganariam.

Tudo isso contribui para ajudar no acobertamento e possibilita perpetuar o vício entre os jovens.²

Ao pensar nas atitudes dos pais, sem mais nem menos, meu pensamento buscou a minha avó, aquecendo o meu coração por alguns segundos. Era estranho como essas lembranças estavam ficando repetitivas. Entretanto, eu não podia pensar nisso agora.³

² Nos quatro pontos abordados a família está presente. Na pergunta 208 de O livro dos espíritos, Kardec pergunta se os pais devem exercer influência sobre o filho e os espíritos respondem que é bem grande essa influência e que é uma missão.

³ Quando um espírito está próximo do seu ponto de saturação daquele caminho equivocado por ele percorrido, começa a estar mais receptivo às emanções de amor de seus afetos, bem como a

— E aí, Cadu? Como estamos hoje? – perguntei, jogando para longe o meu último pensamento.

— Nada diferente, chefe – respondeu, com dificuldade.

Percebendo o estado debilitante de Cadu, gritei:

— Cadu! Você sabia que eu precisaria de você inteiro para me passar as informações que ainda não tenho. Como se atreve a chegar aqui neste estado? Vá agora à Mama Boa para que ela possa desintoxicar você. Depois, volte aqui o mais rápido possível, e que isso não se repita, senão eu mesmo lhe aplicarei o castigo merecido.

Cadu sentiu minha raiva irradiando e penetrando em cada fibra de seu ser. Ele sabia do que eu era capaz. Eu podia ser até considerado um líder pé-rapado, mas minha fama já era bem conhecida dentro de nossas rodas. Ele percebeu o quanto tinha sido descuidado em se entregar ao vício ⁴, por isso, partiu rapidamente.

Mama Boa era uma de nossas colaboradoras, sempre chamada quando era preciso alimentar o vício ⁵ ou desintoxicar alguns dos nossos. Fiquei sabendo que ela foi enfermeira em uma das grandes guerras e que, por pena, matava os soldados que estavam sofrendo, quando percebia que não conseguiriam sobreviver. Ela, no entanto, gostou de ter em suas mãos o poder sobre a vida e a morte, começando a matar qualquer um que acreditava não merecer a vida. Independente da realidade de seu coração, a sua aparência era de uma senhora sempre solícita e sorridente. Por isso, a chamavam de “Mama Boa”.

Voltando à minha realidade, porém, estava muito indignado e irritado pela situação com a qual me deparei. Como os nossos chefes tinham mandado todos embora e me deixado somente um viciado irresponsável para me passar os avanços e problemas enfrentados naquela missão?

Enquanto me revoltava com aquela situação, Beto analisava Marcos, que estava sentado na calçada, dando um tempo para ficar melhor dos efeitos da droga e não dar bandeira com seus pais.

receber, inconscientemente, lembranças de vínculos afetivos e experiências positivas do passado que possam ajudá-lo a sair da situação. Por estar apegado às experiências que elegeu, o espírito resiste a essas lembranças até o dia em que, extremamente exaurido em suas energias, se rende ao processo regenerativo do bem.

⁴ Ao desencarnar com a dependência química, o espírito ainda mantém a necessidade da droga. Não tendo acesso a ela no plano espiritual, procura usufruir do vício dos encarnados em um regime de vampirização. O efeito magnético e etéreo das drogas causa em seu perispírito o mesmo efeito que causaria no corpo físico.

⁵ As organizações das trevas detêm conhecimentos de substâncias químicas muito parecidas, manipuladas de acordo com os seus interesses.

Marcos era um rapaz alto e forte, com cabelos compridos e sem muitos cuidados, olhos castanho-claros e vagos. Para disfarçar o cheiro da maconha, ele acendeu um cigarro e ficou pensando em algo. Beto chamou a nossa atenção e todos nós fixamo-nos em seus pensamentos.

Descobrimos que foi o seu interesse por uma menina que o levou ao vício da maconha. Agora, porém, ele já estava sendo pressionado a experimentar outras drogas pelo grupo que frequentava, mas tinha receio.

Há poucos meses, ele havia presenciado uma overdose, numa praça perto da faculdade, e, de tão alterados que todos estavam no momento, ninguém percebeu o perigo pelo qual passou um dos seus companheiros. Infelizmente, Rodrigo chegou a tempo e conseguiu chamar pelo resgate. Foi por um triz. Depois daquele dia, alguns do grupo, inclusive o que quase morreu, se afastaram, tentando abandonar aquela rotina. A experiência foi muito intensa e traumatizante para eles.

Enquanto Marcos dava um tempo para entrar em casa, ele pensava: — “Ainda não consigo entender como não percebi que aquele idiota estava passando mal. Lembro-me de olhar para ele e achar graça, porque a sua agonia me parecia hilária! Agora que sei o que realmente aconteceu, sinto muita vergonha de minha atitude. E quem acabou resolvendo tudo foi Rodrigo. Não fosse ele, Charles teria morrido. Apesar de Rodrigo não aprovar a minha presença ali, drogado, ele pediu que um amigo me trouxesse para casa antes de a polícia chegar. Se ele não tivesse feito isso, meus pais teriam descoberto o que eu estava fazendo. Mas quem entende esse garoto? Sou o seu irmão mais velho e foi ele quem cuidou de mim.”

Após uma pequena tragada, ele continuou pensativo: — “Talvez eu devesse mudar de atitude também. Enquanto estou só na maconha, fica mais fácil cair fora.”

Diante da alteração radical dos pensamentos de Marcos, meu alarme foi acionado:

— Rapazes, não estamos sozinhos. Os *da luz* estão agindo. Boca e Firmino, abracem Marcos. Se ele estiver sendo influenciado pelos de lá, nossa energia o fará mudar de ideia. Abram espaço para que Beto possa agir.

Rapidamente, os três se apossaram de Marcos, que começou a ouvir mentalmente o que Beto lhe dizia: — “O que é isso, Marcos? Está dando uma de maricas! Está com medo de quê? O seu amigo quase morreu porque foi um idiota, fraco. Você jamais chegaria ao estado dele. Você é esperto, pode largar

as drogas quando quiser, porque você não depende delas. Você só fuma porque quer ficar mais alegre e impressionar Laura.”

Notei, com satisfação, o resultado imediato daquelas palavras. É impressionante, mas, para os encarnados, quando os conselhos dos espíritos desencarnados estão em sintonia com o que eles realmente desejam, a influência lhes é muito agradável. Abandonar o vício para Marcos era um processo inconsciente e doloroso. Por isso, se enganar era muito mais fácil e cômodo. Ele estava muito longe de entender a origem do seu vício.

Marcos, então, balança a cabeça como se quisesse afastar aquele pensamento sobre ter que mudar de comportamento, se levanta e joga a guimba do cigarro no chão, pisando em cima com determinação.

Percebendo que ele entraria em casa, Beto e eu o acompanhamos, avisando aos demais para aguardarem ali até que fossem chamados.

Assim, em função das suas escolhas, Marcos aceitou levar para o seu sagrado lar aqueles que iriam ajudá-lo a tornar a sua vida um mar de intensas emoções.